



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“SENHOR DE ENGENHO, EU SEI BEM QUEM VOCÊ É”: RACIONAIS MC’S E A DESCONSTRUÇÃO POLÍTICO-CULTURAL DA NACIONALIDADE

Eduardo Rocha
PGCS/UFRB
eduardocrocha@yahoo.com.br

Intro

A tentativa de elaborar um discurso científico sobre o “problema nacional”, ou o processo de constituição de uma nação e uma identidade étnica única para o Brasil, tornou-se presente nas letras e na arte, com maior intensidade, com o processo de derrocada do sistema escravista (MUNANGA, 2004). O grande desafio que estava colocado para as elites políticas e intelectuais era como tornar viável o “Brasil mestiço”, isto é, uma nação “civilizada” nos moldes do evolucionismo teleológico branco-europeu, num contexto em que a população negra simbolizava uma ameaça ao desenvolvimento de uma raça e uma civilização brancas neste país. O problema colocado para estes intelectuais seria como transformar este contingente populacional significativo composto de ex-escravizados e seus descendentes, negros, mestiços e mulatos como sujeitos da comunidade nacional, isto é, formadores de uma nação, compondo um só povo, “o povo brasileiro”?¹

Muito antes do corrente ano, em que completa-se um século dos escritos de João Batista Lacerda - um desses “profetas” da modernidade - que pregou em 1911 que “*o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução*”, cientistas sociais em atividade na atualidade já havia pontuado os vínculos desses estudos com teorias racistas de cientistas ocidentais. Nesta “colonização interna” (CORRÊA, 2001) reelaboravam para o contexto nacional postulados de escolas antropológicas como o evolucionismo cultural ou o darwinismo social para as quais a civilização e o progresso são conceitos que atendem a modelos europeus universais de sociedades e não às especificidades locais (SCHWARCZ, 1993; p. 57).

A construção da “nação civilizada” se mostrava aparentemente perturbada devido à “ânsia de que um sentimentalismo doentio e imprevidente já pensou em nos contaminar” (RODRIGUES *apud* CORRÊA, 2001; p. 55), contágio esse fruto da mistura com o sangue do negro e índio, representando uma ameaça à nossa nacionalidade. Influenciados pelo

¹ Segundo Benedict Anderson a nação, é uma comunidade política imaginada e a nacionalidade um artefato cultural de um tipo peculiar, ambos construções ideológicas. “Para compreendê-los adequadamente é preciso que consideremos com cuidado como se tornam entidades históricas, de que modo seus significados se alteram no correr do tempo” (ANDERSON, 1989; p.12).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

determinismo biológico da fronteira entre os séculos XIX e XX, os intelectuais da época entre eles Sílvio Romero, João Batista Lacerda e Nina Rodrigues acreditavam na inferioridade moral e cultural das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço. (MUNANGA, 2004, p. 55). Vista por estes ideólogos como uma realidade ontológica, o branqueamento da sociedade brasileira através da miscigenação, fato biológico da mestiçagem, constituiu-se em objeto central de um período na história da teoria racial-nacional do pensamento social brasileiro.

Segundo Paul Gilroy, as “ideias sobre nacionalidade, etnia, autenticidade e integridade cultural, são fenômenos tipicamente modernos como implicações profundas para a crítica cultural e a história cultural” (GILROY, 2001; p. 34). Esse projeto intelectual pode ser analisado sob o ponto de vista dos movimentos negros contemporâneos como formador de uma estratégia discursiva² com vistas a criação de um senso comum sobre *um* sujeito racial-nacional, figura essencializada do tipo étnico brasileiro que, portanto, inviabilizaria a formação de uma identidade coletiva, politicamente mobilizadora pelos negros e mestiços como alternativa para emancipação definitiva (ver Munanga, 2004). O processo de branqueamento almeja a homogeneidade a ser construída via assimilação cultural de grupos étnicos e raciais não-brancos na unidade cultural caracterizada pelo segmento branco-dominante. Disputar a hegemonia racial no Brasil exige a reconstrução de novas estratégias de identificação por novos intelectuais. Nossa “resposta” e propósito neste artigo é traduzir o discurso do grupo de *rappers* Racionais MC’s enquanto uma desconstrução narrativa da ideologia assimilacionista do branqueamento da sociedade brasileira que é consolidada pelo discurso racial-nacional da mestiçagem movido por governos, intelectuais e artistas.

Mobilizado por um discurso e uma musicalidade translocal, ao interpretar a realidade sócio-cultural da cidade-metrópole São Paulo, as músicas dos Racionais caracterizam sujeitos cuja “função” e/ou “procedê”, isto é, em cuja ação social, acaba por imprimir sentidos e identidades alternativas, que deslocam representações absolutistas acerca da identidade e cultura nacional (GILROY, 2001).

A formação do discurso racial-nacional: “e a profecia se fez como previsto”?

² De forma análoga em *O Efeito do Sexo*, o professor universitário Osmundo Pinho (UFRB) propõe que a história da miscigenação, enquanto uma formação discursiva, estruturou discursivamente – e isso que dizer também materialmente – raça, sexualidade e identidade nacional, que pressupõe a figura idealizada e essencializada do mestiço – a mulata ou mulato – como base da transformação modernizante e modernista da sociedade brasileira naquilo que ela é como vontade e como representação (PINHO, 2004).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Kabenguele Munanga (2004), Lília Schwarcz (1993) e Renato Ortiz (2006) investigam por meio de objetos analíticos diversificados as origens e os efeitos da problemática que envolve a formação da identidade nacional. Questões que envolvem raça e mestiçagem são mobilizadas nestas obras como eixos analíticos dos quais é possível apreender as preocupações embrionárias de uma antropologia brasileira, cuja formulação de Sílvio Romero aponta uma de suas evidências mais marcantes, “a mescla de cores e a confusão nas idéias é o nosso apanágio” (*apud* Munanga, 2004). Ambos percebem nas especulações científicas e ideológicas dos intelectuais e pensadores percussores das Ciências Sociais brasileiras nessa época, reelaborações em terras tropicais de teorias racistas deterministas relacionadas, entre outros fatores, ao projeto imperialista europeu (SCHWARCZ, 1993; ORTIZ, 2006).

Kabengele argumenta que o pensamento do crítico Sílvio Romero em *História da Literatura Brasileira* demonstra algumas inconsistências ao conjugar mestiçagem e branqueamento afim de definir uma certa originalidade para a população brasileira. Fruto da miscigenação entre as três raças (negra, índia e branca) estaria em processo de formação um povo tipicamente brasileiro (MUNANGA, 2004; p. 55).

Ao investigar a revista oficial da Faculdade de Direito do Recife, Schwarcz assinala a importância que teve Romero como “pai fundador” de uma teoria e de um grupo. Sua orientação teórica era compartilhada pelos mestres do Recife, nestes a raça aparecia como uma categoria determinante para pensar o futuro e o progresso da nação (1993, pp. 153-154)³. O direito ganha um estatuto diferente no Brasil, “combinado à antropologia, se elege como “sciencia” nos moldes deterministas da época e se dá o direito de falar e determinar os destinos e uma interpretação particular deste país” (*op cit*; p. 155).

Apostando na ideia de que “*todo brasileiro é um mestiço*” acreditava que o cruzamento entre as raças em curso é um processo ontológico constituinte do ser nacional, que num futuro longínquo, ao pôr fim a imensa diversidade racial e cultural, formaria a unidade cultural da sociedade brasileira, com a predominância biológica e cultural branca e o desaparecimento dos elementos não brancos. Romero diverge de João Batista Lacerda (1911),

³ O crítico literário Sílvio Romero, autor de *O evolucionismo e o positivismo no Brasil* (1895), defendendo a relevância da ideias evolucionista no contexto nacional em oposição ao positivismo francês. Assim ele define o momento da ciência à época: “*Um bando de ideias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte...Positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, novos processos de crítica e história literária, transformação da instrução do Direito e da política, tudo então se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife*” (*apud* Schwarcz, 1993; p.148).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

então diretor e professor de Antropologia do Museu Nacional⁴. Em comunicação apresentada junto ao primeiro Congresso Internacional das Raças, na condição de representante da República dos Estados Unidos do Brasil, Lacerda afirma que

dentro de um século, provavelmente, a população do Brasil será representada, na maior parte, pelos indivíduos de raça branca, latina, e, ao mesmo tempo, o negro e o índio terão sem dúvida desaparecido desta parte da América. O Brasil, então, tornar-se-á um dos principais centros civilizados do mundo (LACERDA; 1911).

Comum às teses de ambos era a ideia de que aqui estaria uma “nação mestiça”, um laboratório racial onde pode ser presenciada a experiência cientificista do branqueamento. Nesse processo o momento do apogeu da supremacia europeizante é onde reside a oposição entre as projeções otimista de Lacerda e a mais pessimista de Romero. A crítica temporal de Romero a que Munanga faz alusão seria assim resumida: apenas alguns séculos a mais e se consolidaria o branqueamento, a civilização européia no Brasil, a hegemonia branca, a “nação branca” física e culturalmente. Segundo Romero “o desaparecimento total do índio, do negro e do mestiço poderia ocorrer, apenas, se toda a miscigenação futura incluir um parceiro extremamente claro (senão branco)”(apud SKIDMORE; 1976).

Os efeitos da escravidão faz-se refletir após a abolição na estrutura mental colonizada presente no pensamento e na prática das elites intelectual e política. Alimentado por um sentimento negativo em referência ao negro a força desta ideologia estaria presente ainda hoje na imaginação coletiva de alguns brasileiros, impulsionando-os, até certa medida, à fusão das raças e a ascensão social, como possibilidades de branqueamento. A construção ideológica do desejo em ser admitido culturalmente como branco e da adoração ao que é do branco ou negação do legado da diáspora cultural africana veio, em boa parte da nossa história, modelando a psique do brasileiro e seu sentimento de solidariedade racial.

Em linhas gerais está presente nos intelectuais arrolados e nas respectivas instituições os fundamentos da ideologia racial desse período, caracterizada entre outros pelo ideal de branqueamento da sociedade brasileira. O branqueamento processo foi tomado pelos “homens de ciência” como um horizonte possível de ser atingido nesse país, através do conteúdo ideológico e político da mistura racial, a mestiçagem. Estes modelos evolucionistas rebatidos da Europa para o Brasil equivale a alertar essas regiões que aqui a mancha de sangue negra não impediria o progresso e a civilização, tidos por Romero e Lacerda como inevitáveis.

⁴ O Museu Nacional foi responsável pelo primeiro curso de antropologia no país em 1877. Ministrado por João Batista Lacerda, também um dos diretores do museu, a antropologia era entendida como um ramo das ciências naturais, detendo-se talvez com mais vagar no sistema nervoso e na medição de crânios, portanto, afastada das teorias sociológicas e filosóficas (SCHWARCZ, 1993).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Ao investigar o modo em que se opera na nossa história cultural o discurso da mestiçagem, estamos questionando quais os desdobramentos ideológicos de um processo biológico, portanto, nos interessa as ideias apoiadas numa interpretação sociológica desses fatos (MUNANGA, 2004)⁵. À época em que surgem os debates estava em jogo transformações no nosso sistema político social e político. A persuasão ideológica foi apenas o fundamento “científico” para que negros e mestiços sejam socialmente excluídos. A discriminação de fato foi “apoiada por um racismo ‘científico’, que legitimou iniciativas políticas a nível nacional como no caso dos privilégios concedidos à imigração que tiveram como consequência a entrada maciça de brancos no país” (CORRÊA, 1998; p. 56).

A perspectiva teórica atribuída aos primeiros pensadores da questão nacional teria se transformado numa espécie de jargão até os anos 1930, quando as instituições entendidas enquanto instâncias específicas de seleção e consagração intelectual (SCHWARCZ, 1993) saem de cena e em seu lugar surge a figura de um Estado nacional autoritário, formador de um projeto político-cultural (GOMES; ABREU, 2009; p. 13). Chauí sugere um possível caminho para análise do projeto estatal nacional:

os vários nacionalismos se preocupam em produzir a *identidade nacional* que, na prova a priori, é deduzida das etnias, dos costumes, da língua, da cultura em sentido antropológico, e, na prova a posteriori, é deduzida do Estado. Frequentemente, as duas se combinam e seu fruto (pouco bendito) costuma ser batizado com o nome de *política cultural* (CHAUI, 1983; p. 43).

Novos atores e novos discursos vêm a tona, impulsionadores de mudanças respaldadas pelo governo que em 1937 passa a se designar Estado novo. É o momento de definição dos projetos intelectuais que se associam ao projeto de hegemonia do novo Estado, especialmente a sua intervenção político-cultural com vistas à construção cultural da nacionalidade. Verificaremos como, sobre a égide deste novo Estado, a mestiçagem passou a ser a estratégia discursiva com pretensões de definir o caráter cultural (racial-nacional) do Brasil.

A historiadora Carolina Dantas (2009) em seu sugestivo artigo *Brasil café com leite*, salienta que ao lado das teorias racistas européias durante a primeira República o embate entre intelectuais neste período apresenta divergências sobre os efeitos da miscigenação. Mesmo participando de um debate marcado por ambiguidades, hierarquias e por uma pluralidade de

⁵ Para um maior aprofundamento dos debates presentes na *intelligentsia* brasileira sobre os vínculos entre raça, mestiçagem e o processo de branqueamento nos primeiros debates antropológicos brasileiros consultar, entre outros, as leituras feitas por CORREA (1998), SCHWARCZ (1993), SKIDMORE (1976), além das produções dos intelectuais da época como *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* (1894) do médico maranhense Raimundo Nina Rodrigues, *História da Literatura Brasileira* de Sílvio Romero e *Sur les métis au Brésil* (1911) de João Batista Lacerda.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

concepções, Manuel Bonfim, Juliano Moreira e outros, apresentam estudos em que “operam sensíveis deslocamentos no debate racial e cultural sobre a identidade nacional” (DANTAS, 2009). Dantas argumenta a importância que estes intelectuais tiveram ao constituírem um “clima favorável para a ótima recepção de *Casa Grande & Senzala*, fazendo parte da história de uma forma duradoura de se pensar o Brasil” (DANTAS, 2009).

Sob comando do novo Estado o país é inserido numa estratégia de desenvolvimento econômico e social e de definição da sua identidade, valorizando-se o “povo brasileiro”. O produto *musica popular* desempenhou o papel político junto ao governo de Getúlio Vargas representando como símbolo da vitalidade e do otimismo da sociedade em expansão sob o novo projeto econômico implantado com a Revolução de 1930 (TINHORÃO, 1998; p. 299)⁶.

O Brasil moderno: A política-cultural do novo Estado

É inescapável que nossa abordagem faça referência a períodos de nossa historiografia e história cultural. Periodizar a história é um ato de poder. Essa ideia presente na apresentação do *Dossiê A nova “Velha” República*, busca reler esse momento de transformações, a um só tempo, da autoridade política e cultural brasileira. Os novos caminhos colocados para o país acabam “enterrando definitivamente uma República “Velha” e tornando os anos que vão de 1931 a 1936 uma antecâmara do golpe de 1937” (GOMES; ABREU, 2009; p. 13). Os anos que sucedem à Revolução de 1930 representam um corte radical com o passado do país, com os erros da Primeira República: liberal, oligárquica, fraca, inepta, *européizante e política e culturalmente afastada do “povo brasileiro”* (*op cit*, 2009; p. 13).

As transformações políticas que decorreram do movimento de 1930 desencadearam não apenas em novos governantes numa nova ordem republicana, mas, sobretudo, um novo modelo administrativo do Brasil, um modelo de Brasil *moderno* (GUIMARÃES, 2002). Mas o que haveria de moderno ou modernizante em termos da produção intelectual e da política cultural implementada, neste país de muitas raças e culturas, cuja *intelligentsia* apresenta-se mais numa quimera europeizante do que em solo propriamente brasileiro?

Mudanças na estrutura de produção econômica e um processo de racionalização institucional das políticas governamentais sob o formato duma política cultural, acompanha o conjunto de transformações políticas na esfera governamental do país, que esteve em ascensão

⁶ Algumas referências nos ajuda a entender os processos de uma ideologia nacionalista no campo musical, seja como “uma luta em prol da nacionalização da música, que numa primeira fase, configurou-se numa determinada visão estética da sociedade” (CONTIER, 1988; p. I) ou através da “ideologia estadonovista que incentivava a produção do samba-exaltação no estilo nacional-ufanista, buscando uma unidade cultural” (CUNHA, 2000) cujas abordagens fôgem, nesse momento, aos objetivos de nossa análise.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a partir dos anos 30. Este processo estatal não é, como observa Ortiz (2006), simplesmente uma técnica mais eficaz de organização, mas ele corresponde a um momento de desenvolvimento do capitalismo em que a economia cria um mercado de bens e de forma correlata, se desenvolve um mercado de bens simbólicos que diz respeito à área da cultura (*op cit*, pp. 81-82). Embora em fase inicial, é um momento favorecido pelo soerguimento de uma produção intelectual universitária, que apesar de não necessariamente atrelada à concepção ideológica do estado, significam rupturas não tanto pela qualidade de pensamento que produzem, mas sobretudo pelo espaço social que criam e que dá suporte às suas produções” (ORTIZ, 2006; p. 40). Não obstante,

no que diz respeito às relações entre os intelectuais e o Estado, o regime Vargas se diferenciava sobretudo porque define e constitui o domínio da cultura como um “negocio oficial”, implicando um orçamento próprio, a criação de uma *intelligentsia* e a intervenção em todos os setores da produção, difusão e conservação do trabalho intelectual e artístico (MICELI, 2001; pp. 197-198).

Nesse contexto político e cultural, o trabalho de Gilberto Freyre (2006) vem a atender a “demanda social” (MUNANGA, 2004; ORTIZ, 2006; GUIMARÃES, 2002). Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade - de tabu a totem - de tal forma que a mestiçagem cultural passará a constituir a base de um forte discurso racial-nacional, o que significa também, da produção material da cultura, agora nacional. Osmundo Pinho percebe na obra de Freyre um instrumental discursivo para construção, sem ruídos dissonantes, do *projeto nacional*, a tentativa de tornar esse país uma nação pelas mãos do “colonizador português, com a ajuda do seu “colaborador” escravo”.

Uma contradição que parece resolvida em Freyre pela mestiçagem que, a um só tempo refunda uma perspectiva histórico-genética para a formação da nacionalidade; elege uma estratégia como uma saída de emergência para a mobilidade e a mudança sociais encarnadas na figura do mulato; e desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural afrodescendente, o que poderia fomentar a formação de um sujeito político autônomo, porventura mais modernizante do que o mulato parece ter sido (haja vista a modernização a que chegamos) (PINHO, 2004; p. 100).

Este projeto, embora constituídos sobre bases teóricas e influências políticas diferentes, foi de interesse comum às elites da “velha” e da “nova” República, e consistiria em consolidar a hegemonia racial através duma ideologia racial-nacional que ao longo dessa história cultural, tentou invisibilizar o negro e suas formas culturais, num primeiro momento pela ideia do branqueamento e, posteriormente, via assimilação cultural, como sujeito de uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

identidade e assimilá-lo junto com a produção transcultural diaspórica à identidade nacional⁷. O próprio Estado foi se tornando uma instância de hegemonia, de difusão e consagração de obras produzidas em tais circunstâncias (MICELI, 2001; p. 199).

Neste momento de virada cultural e política do Brasil está colocado também para outros intelectuais o imperativo de se pensar a identidade de um país em processo de modernização, vale dizer, uma modernidade que se apresenta em termos mais práticos, na esfera produtiva, mas, sobretudo na esfera discursiva. É nesse contexto, sem dúvida, que tomou corpo a concepção de “cultura brasileira” (MICELI, 2001; p. 216), ou seja, de uma concepção que delimite o que é nacional, seu sujeito e sua cultura (ORTIZ, 2006; p. 138)⁸.

O discurso nacional pressupõe necessariamente valores populares e nacionais concretos, mas para integrá-los em uma totalidade mais ampla...O Estado é esta totalidade que transcende e integra os elementos concretos da realidade social, ele delimita o quadro de construção da identidade nacional (*op cit*; p. 138).

Segundo Guimarães (2002), até então, ou seja, até os anos 1930, o Brasil tinha reconhecidamente uma questão racial, cujos fundamentos eram biológicos e demográficos.

Vargas, na política; Freyre, nas ciências sociais; os artistas e literatos modernistas e regionalistas, nas artes; esses serão os principais responsáveis pela “solução” da questão racial, diluída na matriz luso-brasileira e mestiça de base popular, formada por séculos de colonização e de mestiçagem biológica e cultural, em que o predomínio demográfico e civilizatório dos europeus nunca fora completo...ao contrário, a estratégia dominante sempre fora de “transformismo” e de “embranquecimento”, ou seja, incorporação dos mestiços socialmente bem-sucedidos ao grupo dominante “branco” (GUIMARÃES, 2002; p. 120).

O Brasil “antigo e moderno, imortal, fronteira do céu com o inferno”⁹

A concepção de Gilberto Freyre (1933) da nação brasileira como um equilíbrio de antagonismos, proporcionado pelo ambiente hierarquizado, não obstante, de “confraternização” (sic), entre senhores de engenho brancos e negras escravizadas, isto é, na

⁷ A argumentação que venho desenvolvendo imprime a necessidade de uma revisão teórica dos absolutismos étnicos nacionais nas sociedades pós-coloniais como a nossa que perfazem o ambiente político-cultural chamado *Atlântico negro* (GILROY, 2001), assim como o reconhecimento do movimento político e cultural dos negros nesse ambiente plurirracial e multicultural, como um momento ilustrativo em que são gerados símbolos de deslocamentos a qualquer pretensão de essencialismos no interior de uma política cultural nacional e/ou estatal.

⁸ O Estado autoritário varguista ofereceu na parte administrativa os meios institucionais necessários à produção e consolidação dos discursos que dão personalidade nacionalista ou político-cultural às formulações modernizantes da brasilidade pela nossa *intelligentsia*, criando um aparelho estatal de censura e divulgação da cultura nacional. Dois exemplos são o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e a revista *Cultura Política*. O rádio também foi um meio adotado por Vargas para ressoar a “*aquelela*” do Brasil na transformação, da *marginalidade ao estrelato* (CUNHA, 2000), do samba em música nacional por excelência. Fato marcante ocorrido durante o seu governo foi a edição pelo Departamento de Imprensa e Propaganda o livrinho *A música nacionalista no governo Getúlio Vargas* (TINHORÃO, 1998; p. 302).

⁹ Citação da composição Capítulo 4, versículo 3, terceira faixa do quarto álbum dos Racionais MC's *Sobrevivendo no Inferno* (COSA NOSTRA, 1997).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Casa Grande & Senzala, consiste num substrato discursivo e do processo de mestiçagem. Nessa “moderna” abordagem freyriana o “mestiço” – mulato ou mulata - torna-se, num ambiente de modernização, um termo cujo sentido atávico remete a formação da família patriarcal como unidade colonizadora em termos culturais (FREYRE, 2006).

Utilizados novamente como uma estratégia discursiva das elites intelectual e política, os significados para “mestiço” e “mestiçagem” são reelaborados no contexto como termos determinantes de uma “cultura nacional”. Esta, homologada por um Estado Nacional almeja constituir homogeneizando “um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Sentidos sobre a nação, com os quais podemos nos identificar” (HALL, 2001; pp. 50-51). Avalizada pelo estado a ideologia da mestiçagem, pode então difundir-se e se tornar um senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como carnaval e futebol. O que era mestiço torna-se nacional (ORTIZ, 2006; p. 41).

Diante dos interesses políticos que opõe a elite branca e a maioria da população à época, como aponta Pinho (2004), essa interpretação moderna procura recompor o mesmo jogo discursivo com uma transição entre dois termos:

'raça' e *cultura* participam de um mesmo *continuum* estratégico, inserido no movimento mais amplo de acomodação entre uma elite branca, ou orientada por valores simbolizados como brancos e ocidentais, e a grande maioria da população, num ambiente de modernização. Este encontro tenso, tantas vezes tematizado nas artes e na cultura popular nacionais, atravessa a história deixando para trás um rastro de carne e sangue. (PINHO, 2004; p. 95).

De forma similar às teorias racistas do branqueamento, ou a busca pela desafricanização da vida social, não há rupturas do culturalismo de Gilberto Freyre [1933(2006)] com o naturalismo de Silvio Romero, “mas a reinterpretação da mesma problemática proposta pelos intelectuais do final do século XIX” (ORTIZ, 2006; p. 41), ou, como disse Artur Ramos: “Se substituirmos na obra de Nina Rodrigues os termos biológicos de Raça e Mestiçamento pelas noções de Cultura e Aculturação, as concepções adquirirão completa e perfeita atualidade” (*apud* PINHO, 2004; p. 94)¹⁰. Assim, comparativamente, a

¹⁰ Embora não apareça nesse ensaio o estudo da Escola Nina Rodrigues, tal como apresentado por Mariza Correia (1998) está diretamente envolvido com nossas preocupações analíticas na atual fase da pesquisa. Na década de 30, cientistas sociais, médicos de formação, reivindicavam Nina Rodrigues (1862-1906) como “pai” intelectual, evocando seu legado para a análise da realidade nacional. Esses discípulos de Nina foram importantes na formação do campo da antropologia no Brasil, nomeando a si mesmos como herdeiros de certa tradição intelectual afirmavam a afiliação de suas pesquisas particularmente sobre a questão racial, aos estudos de Nina Rodrigues.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

teoria “moderna” é uma explicação da civilização que foge da *biologia* e passa para uma concepção da *cultura* brasileira forçada pela mestiçagem, cujo elemento civilizador, foi o colonizador português, o homem branco (MOUTINHO, 2004).

A mestiçagem em Freyre (2006) é o fator preponderante da colonização e da formação cultural brasileira. Seu reflexo atual, segundo a teoria freyriana, seria o clima amigável das relações raciais entre brancos e negros no Brasil. A “democracia” racial e social, fundamenta-se no argumento de que “a miscigenação *corrigiu* a distancia social que de outro modo se teria conservado enorme entre casa-grande e senzala” (2006; p. 36). Contraditoriamente, embora perceba uma relação hierárquica de dominação no contato sexual, ou melhor, no estupro colonial suavizado por Freyre (2006) como uma “confraternização”, esta seria a chave para a construção político-ideológica do mito da “democracia racial”. Como já dito, trata-se de “um processo de hegemonia racial que contribuiu para estruturar a desigualdade racial no país, negar sua existência dentro da complexa ideologia da democracia racial e criar as precondições de sua perpetuação” (HANCHARD, 2001).

Como esse discurso racial-nacional moderno fundamentado numa ideologia do branqueamento e, especialmente, no mito da democracia racial tem sido recebido ou rebatido pelo movimento contemporâneo da música negra, expressiva nos contextos pós-coloniais, cujas artistas têm sua vida atrelada àqueles que experimentaram e experimentam as conseqüências da hegemonia racial?

Racionais MC's: “a juventude negra agora tem voz ativa”¹¹

Racistas Otários, Capítulo 4 Versículo 3, Voz Ativa, Fim de Semana no Parque, Eu Sou 157, Negro Drama, Da Ponte pra Cá, Vida Loka, Eu Sou Função, Mente do Vilão, Otus 500, Homem na Estrada, 12 de Outubro, Diário de um Detento, Qual Mentira vou Acreditar são alguns dos muitos relatos e formas artísticas dos Racionais MC's que refletem fraturas sociais e culturais do Brasil contemporâneo. Portanto, uma postura denunciadora tanto do

¹¹ Este ensaio tem como foco a crítica intelectual produzida pelos *rappers* tomando como adversário o discurso hegemônico racial-nacional, portanto trata-se de uma análise que prescinde de considerações acerca da simbologia, da interpretação mímica teatral, da dança e dos movimentos dos *rappers* pelo palco, bem como dos efeitos produzidos pelo DJ. Foge a nossa pretensão, se quer na análise das letras, alguma representação essencialista da totalidade. Isso não significa que tais expressões artísticas não sejam compostas de representações e significados que reproduz nos efeitos sonoros e no corpo, a denúncia dos conflitos na “*mais rica metrópole e suas várias contradições*”. Interessa-me a narrativa musical dos Racionais, expressões como estas críticas de um ambiente sociocultural, e de confronto racial e de classe, que compõem o repertório que evoco para construir nosso argumento principal. Assim, não se pretende uma análise que prescinda ou almeje uma veracidade além do que já está dito.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ideal de branqueamento social e cultural como da construção mitológica da democracia racial e social, uma vez que a vida social constatada nessas produções intelectuais é dissonante do discurso racial-nacional, do pensamento da elite intelectual e do discurso estatal.

Identidades masculinas produzidas nas letras dessas músicas caracterizam um espaço social ambíguo ou invertido em relação à construção social hegemônica. Em sua dissertação, Wladimir Rosa analisa através das letras de diferentes grupos a masculinidade no rap brasileiro. Para Wladimir “a nação brasileira criticada pelo *rap* é aquela que se afirma pela homogeneidade mestiça e da cordialidade das relações sociais” (ROSA, 2006; p. 35). Masculinidades, quase sempre explicitamente negras, acionadas no discurso dos Racionais, movimentam um universo simbólico que desloca o ser negro brasileiro de seu suposto lugar passivo como espectador da “democracia racial” - que o confina aos bolsões de pobreza e de descaso do poder público - para uma postura crítica de confronto ao sistema de relações raciais e de classe que oprime a população negra e mestiça e impede a identificação política desse segmento subalternizado (Cf. MUNANGA, 2004; PINHO, 2004).

A forma como esta ambiguidade da nação moderna se manifesta nos ouvidos dos brasileiros hoje, ao som do *rap* - a nova música popular brasileira - é virulenta e entra em confronto aberto com uma longa tradição da nossa produção musical em seu tom de alegria, mistura e cordialidade. Muitas vezes a “função” dialógica desses sujeitos representada nas músicas surge como uma reação violenta ou, como em *Vida Loka (parte II)*, uma crítica à ostentação de bens galgada e incentivada pela sociedade de consumo contemporânea, representada pela metrópole brasileira: *em São Paulo Deus é uma nota de 100*. De forma similar, em *12 de Outubro*, o relato do *rapper* identifica uma revolta infantil diante da ausência nessa data de um presente pelo dia das crianças. A revolta nos atos e nas palavras da criança é traduzida pelo músico como um conflito de classes, na medida em que, assim como em *Eu sou 157*, o estado e seus governantes são retratados como guardiões de interesses que produz incontáveis “tragédias em família e mortes”¹².

O *Atlântico Negro* como um sistema social e político do mundo moderno, conduz uma perspectiva transnacional e intercultural das sociedades do hemisfério ocidental. Neste ambiente político-cultural, o *rap* pode ser visto na diáspora transcultural da música negra,

¹² A intenção é construir o argumento não uma crítica literária que de conta da totalidade das representações simbólicas que são agrupadas nas narrativas das músicas. Porém o conflito centro x periferia, negro/mestiço x branco, mano x boy, governo/estado x pobreza aparece em quase todas elas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

definindo “uma nova topografia de lealdade e identidade na qual as estruturas e pressupostos do estado-nação tem sido deixados pra trás” (GILROY, 2001; p. 59).

A produção artística dos Racionais constitui-se, pela série de argumentos que vemos apresentando, um meio privilegiado de perceber e provocar as guerras de posição em torno da autoridade social na representação da política negra na (pós) modernidade. Na estrada a mais de 20 anos, os *rappers* assumem para si a responsabilidade de “ponderar as afirmações [absolutistas] de identidade nacional contra as variedades contrastantes de subjetividade e identificação, e ocupa um lugar especial na historia intelectual dos negros no Ocidente” (*op cit*; p. 83).

Muitas vezes a música negra se mostra como a expressão de alguma essência racial mas é, na verdade, “uma aquisição histórica elementar produzida das vísceras de um corpo alternativo de expressão cultural e política que considera o mundo criticamente do ponto de vista de sua transformação emancipadora” (*op cit*, p. 99).

Não se trata de um contradiscurso mas de uma contracultura que reconstrói desafiadoramente sua própria genealogia crítica, intelectual e moral em uma esfera publica parcialmente oculta e inteiramente sua. A política de transfiguração, portanto, revela as fissuras internas ocultas no conceito de modernidade (*op cit*, p. 99).

Sob a forma de uma política-cultural os ecos dissonantes da música no Atlântico negro, num ambiente pós-colonial, permitem a autenticação de histórias de exploração e o desenvolvimento de estratégias de resistência (BHABHA, 1998; p. 26). Como vemos argumentando a nacionalidade é um constructo ideológico, formulado através do discurso de artistas, intelectuais e do estado, neste caso, as identidade alternativas ao ideário de unidade presente ao longo da nossa história cultural, atuariam provocando fissuras e cindindo a homogeneização cultural do Brasil moderno. Assim observamos o discurso dos Racionais refletindo uma estética política ativista na música *rap*. Segundo Pinho essa “voz ativa” seria uma forma de expressão política emancipatória na pós-modernidade, surgida das entranhas e fronteiras da modernidade, os *rappers* “não reproduzem a teleologia dos metarrelatos, nem se arrogam sujeitos da emancipação universal, mas inscrevem comentários contra-hegemônicos e territorializados, pulverizando posições de sujeito dominantes” (PINHO, 2001; p. 83).

Não são poucas as rimas dos Racionais em que eles demonstram sua insatisfação perante a história racista da sociedade brasileira. Com a “*mente engatilhada*” disparam uma “*palavra*” que “*vale um tiro*” e atinge com versos profundamente críticos, as elites intelectuais e políticas da atualidade e assim “*esvazia o lugar*” de um discurso racial-nacional



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

hegemônico, que permaneceu quase incontestado na esfera pública brasileira até meados de 1970.

Representando uma síntese contraditória entre o “*antigo e moderno*” rejeitam, “*na queda ou na ascensão*”, os objetos de consumo forjados pela mídia como símbolos de prazer, como bebidas e drogas (*cacaína e crack, whisky e conhaque*) e a ideia de ascensão ao “mundo dos brancos” (FERNANDES, 1972): “*seu carro e sua grana já não me seduz, e nem a sua puta de olhos azuis*”. Em *Capítulo 4 Versículo 3*, ou em *Negro Drama*, as contradições entre antigo e moderno e as aproximações entre estes são explícitas, a um só tempo, apontam as reminiscências do primeiro através duma ótica que percebe um sistema político-ideológico racista e sugere a postura crítica anti-racista dos afro-brasileiros, pretos e pardos, negros e mestiços. Sem dúvida opera-se aqui um discurso em que é necessária uma revisão da história das relações raciais entre negros, negras e os senhores brancos, para tornar nítido perante a dinâmica racial da sociedade contemporânea argumentos como: “*transforma um preto tipo A num neguinho*” ou “*eu era carne agora sou a própria navalha*”.

“*A navalha*” agora sangra e expõe as veias abertas da modernização capitalista, isto implica numa inversão de situação de objeto a sujeito. Destarte, podemos compreender o *Negro Drama*, mais uma vez, como uma reinvenção contemporânea do sujeito negro, primeiro, através de uma cobrança violenta. Este recurso “não é identificado na narrativa como gerador da realidade social existente, mas sim como elemento de sua transformação. Nesses termos, ela é reativa a uma violência anterior. A violência na sociedade brasileira é, portanto, cíclica e onipresente” (ROSA, 2006; p. 39). O segundo momento desta reinvenção de si constitui sua ação política de denúncia do racismo à brasileira construído através do mito da democracia racial, ou o mundo que o português inventou. Assim automaticamente, os Racionais tomam para si a autoridade sobre a cultura, elevando-o a condição conflitante e irreduzível de produtor e portador da verdade sobre sua própria cultura e negritude.

“*Senhor de Engenho eu sei bem quem você é!*”, poderia ser apenas uma manifestação de insatisfação decorrente do conhecimento da verdadeira história do processo colonizador, se não estivéssemos a traduzir esta crítica como uma reelaboração da cultura e da política racial brasileira, acionada pelo conjunto complexo de representações da musicalidade pelos Racionais MC’s¹³. Especificamente, nesta segunda parte da música o *rapper* Mano Brown

¹³ Impossível e também inapropriado para os objetivos deste texto uma descrição densa que tente exprimir o universo simbólico que é agenciado por esta personagem. Em outros textos e apresentações em congressos procurei representar através da figura do *Negro Drama*, a releitura do racismo contemporâneo e do mito da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

reconhece na figura de sua mãe D. Ana, uma “rainha”, representação das muitas “mães solteiras”, guerreiras negras do período antigo e atual, cujos filhos “bastardos”, como nós negros ou mestiços, produzem o *drama* atual perturbador da modernidade.

Brown movimenta através de sua rima contundente, agressiva e com destino às elites brancas, um complexo de representações que caracterizam a temporalidade da sociedade moderna brasileira. Importante reafirmar que na narrativa dos Racionais o presente se conforma como decorrência do agravamento da situação complexa herdada pelas mulheres negras e seus filhos na hierarquia sociorracial, que advém do sistema escravista e que expõe a ambivalência da modernidade.

Não há um rompimento com a história, mas com o historicismo assimilacionista que concede uma importância fundamental para família patriarcal na constituição da formação cultural brasileira. Do ponto de vista da história da cultura, a “criação” cultural não deve ser confundida com a criação artística, devendo antes ser aproximada das atividades políticas; e, de fato, nesse sentido, pode-se falar em uma *política cultural* (GRAMSCI, 1968; pp. 27-28).

Assimilação cultural e miscigenação, leia-se embranquecimento, seriam a essência da nossa nacionalidade, ambas com origem na convivência, ou melhor, no contato sexual na “zona de confraternização” entre brancos, índias e negras, a casa-grande. Porém no capitalismo tardio da sociedade brasileira, é visível o apartamento territorial e econômico entre as raças. O tratamento “cordial” para com os vencedores, em séculos de exploração, dá-se, por ora, através da arte Racional, que inspira a indignação dos vencidos, mas sobretudo “guerreiros”, que com o rastro de sangue mancha de preto e vermelho a história e o presente das relações raciais no Brasil verde-amarelo.

“Escolha o seu caminho”

Balizado por uma interpretação da história cultural e política do Brasil sob a alcunha da modernidade e suas formas de periodização, a crítica intelectual de Pinho (2001) e Gilroy (2001) sobre a autoridade política dos povos e culturas negras expressivas da diáspora negra, não tem esquecido de salientar que grande parte do que é identificado como pós-moderno possa ter sido pressagiado ou prefigurado nos contornos da própria modernidade (2001; p. 103). Escolho um caminho que procura posicionar o repertório de interpretações possíveis,

democracia racial pelos Racionais e, em outro, sua reinvenção da cultura brasileira na atualidade. Nossa dissertação de mestrado deverá conter uma interpretação sociológica mais completa dessa personagem.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

nos limites de nossa pesquisa, para a obra musical dos Racionais MC's e a visualizamos como uma política cultural contemporânea que reflete a partir do Extremo Sul da Zona Sul da metrópole São Paulo, um discurso racial contra-hegemônico; e amplifica sua crítica fazendo-a ecoar entre a juventude das periferias brasileira a denúncia da opressão racial e sua contínua reposição pelas contradições da modernização industrial da capital paulista.

O fato de que um determinado mundo cultural seja expresso pela arte de seu tempo é uma atividade política, não de criação artística, os artistas representam tão-somente um mundo vivo e necessário (GRAMSCI, 1968; p. 12). Numa estética política periférica radical do movimento hip hop, o discurso Racionais reflete a contracultura partilhada pela maioria que sobrevive com as marcas e os estigmas presentes no discurso e na prática racista da sociedade brasileira. Sem perder de vista a dimensão concreta do racismo institucional - através (do monopólio legal) da violência policial, para a qual, invertidos os termos do que disse Abdias do Nascimento, o *genocídio* é uma estratégia de *branqueamento*, - neste trabalho procurei defender que a produção social da cultura material pelos Racionais tem confrontado a *antiga* e a nova “escola” intelectual que utilizou do artifício discursivo *moderno*.

Os *rappers* escrevem seu nome na história intelectual da cultura e na política negra, duas formas expressivas da diáspora africana. A radicalização do discurso racial no Atlântico negro tem levado pensadores como Gilroy (2001) e Pinho (2001) a qualificar seus músicos sob o conceito gramsciano de intelectuais orgânicos. Estes atuam como “organizador de uma nova cultura, contribuindo para manter ou modificar uma concepção do mundo e para promover novas maneiras de pensar” (GRAMSCI, 1979; p. 8), vale enfatizar, expondo e atualizando sistematicamente o conflito racial e de classe, rivaliza com as elites intelectuais e políticas, que pensaram o futuro da nação, eis, portanto, aqui “*meu país que demonstrou, vergonha de ter minha cor*” e “*ainda querem que sejamos patriotas*”.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. Tradução: Lólio Lourenço Oliveira. São Paulo: Ed. Ática. 1989.
- BHABHA, H. *O Local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila et all. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998.
- CHAUÍ, M. *O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira. Seminários*. São Paulo. Brasiliense. 1984
- CONTIER, A. *Brasil Novo: Musica, Nação e Modernidade: os anos 20 e 30*. (1º volume). Tese de Livre Docência em História. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1988.
(2º vol. ã encontrado)
- CORRÊA, M. *As Ilusões da Liberdade: A Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista. EDUSF, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CUNHA, F. L. da. *Da Marginalidade ao Estrelato: O Samba na construção da Nacionalidade (1917-1945)*. (Dissertação). Mestrado em História. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

DANTAS, C. *Brasil café com leite*. Debates intelectuais sobre mestiçagem e preconceito de cor na primeira república”, *Tempo*, Dossiê A nova “Velha” república. Vol. 13, nº 26, 2009.

FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo. Global Editora. 1972.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo. Global. 2006.

GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid K. Moreira. SP. Ed. 34. 2001.

GOMES, A. de C; ABREU, M. *Apresentação. A nova “velha” República: um pouco de história e historiografia*”, *Tempo*, Dossiê A nova “Velha” república. Vol. 13, nº 26, 2009.

GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. Trad. Carlos N. Coutinho. RJ. Ed. Civilização Brasileira. 1968.

GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos N. Coutinho. RJ. Ed. Civilização Brasileira. 1979.

GUIMARÃES, A.S.A. *Classes, raças e democracia*. São Paulo, Editora 34, 2002.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A. 1992.

HANCHARD, M. *Orfeu e o Poder: Movimento Negro no Rio e São Paulo, 1945-1988*. RJ. Ed UERJ, 2001.

LACERDA, J.B. *Sur les métis au Brésil*. Paris, Imprimerie. Devouge, 1911.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MICELI, S. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo. Cia das Letras, 2001.

ORTIZ, R. *Cultura brasileira e Identidade nacional*. 5ed. – São Paulo: Brasiliense, 2006.

PINHO, O. “Voz ativa”: rap - notas para leitura de um discurso contra-hegemônico. *Sociedade e cultura*, Vol. 4, Núm. 2, julho-diciembre, (2001) pp. 67-92.

PINHO, O. O Efeito do Sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *CadernosPAGU*, N. 23(2004) p. 89-120.

ROSA, W. *Homem Preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro*. (Dissertação). Mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília. 2006.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

TINHORÃO, J. R. *História social da música popular brasileira*. São Paulo. Ed. 34. 1998.